



Inventando um tempo

Referência

Vieira, M. A. Psicol. clin. vol.26 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2014. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S0103-56652014000100015> >
[Capa e índice](#)

Creating a time

Inventar un tiempo

Marcus André Vieira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resenha do livro: Barros, R. (2012). *Compulsões e obsessões - uma neurose de futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 125 pp.237

O livro de Romildo do Rêgo Barros, *Uma neurose de futuro*, é um daqueles raros textos *multiuso*. Em cerca de cento e vinte páginas, ele é ao menos três-em-um: uma introdução à clínica psicanalítica, um manual para o tratamento de obsessões e compulsões e uma reflexão sobre o lugar da psicanálise na cultura. Cada um destes livros tem sua originalidade própria. Como introdução, ele é redigido por um psicanalista que sabe escrever; com a simplicidade e clareza de quem vive o que diz, mas sem concessões com a vulgarização (algo raro quando tantos hoje ensinam os conceitos da psicanálise mais do que exploram os meandros de sua clínica). Como manual da neurose obsessiva, ele nos conduz a descobrir o quanto as sutilezas de uma vida só ganham leitura quando a elas acrescentamos algo nosso, exatamente o que o obsessivo evita a todo custo. Como reflexão sobre a psicanálise, proporciona um olhar panorâmico sobre o século vinte, de Freud a Lacan, mas ao mesmo tempo o de uma psicanálise que olha para si mesma e se reinventa no século vinte e um.

Um quarto livro, porém, me interessa destacar: o ensaio sobre um modo muito especial de viver o tempo, que se descobre a partir do trabalho de Freud com a neurose obsessiva. É desse último que tratarei aqui, pois ilumina a atualidade dos outros que compõem o livro de Romildo.

Nele, aprendemos como Freud incide, na análise de Ernst Länzer, nosso Homem dos Ratos, no contrapé da manobra que o ocupa incessantemente, a de deslocar a ênfase do detalhe para o aspecto panorâmico, ou do vigor do instante à contemplativa eternidade.

Não é raro vivermos o desejo desse deslocamento, exercitado sem descanso pelo obsessivo, de nos alçarmos a um belvedere de nós mesmos, de escaparmos da prisão dos dias para contemplar a própria história de fora, como um todo. Uma análise parece ter essa pretensão, mas apenas parece. Ao contrário, ela faz valer o singular de um desejo como tal, sem varrê-lo para debaixo do tapete do universal. É exatamente o que o livro demonstra a partir do modo como uma análise lida com a estratégia obsessiva.

Muita coisa está em jogo. Romildo reúne tanto o nascimento da psicanálise, quanto a presença da neurose obsessiva na cultura, assim como o tratamento dado por Freud a essa neurose, tudo em um mesmo momento. A psicanálise seria filha de uma mutação na cultura que igualmente teria dado origem à neurose. Em seus termos: "Surgiu a partir dos séculos XVII e XVIII uma nova forma de esperança, diferente da religiosa, foi ela que deu lugar à neurose e a Freud" (p. 94).

Uma nova forma de esperança assinala a passagem da prevalência no campo da cultura de um Outro que tudo sabe, Deus, por exemplo, a um Outro ao qual falta saber. É o que torna possível a psicanálise, sustentada na possibilidade de uma busca da verdade em nós mesmos, que só nós possuímos, um saber singular. A neurose é uma forma de viver esta esperança, fazendo, porém, com que a verdade permaneça sempre encoberta, para que se possa seguir buscando-a eternamente (p. 74).

O ensaio sobre essa nova forma de esperança, nova forma de relação com o tempo, se distribui ao longo de todo o texto. Mesmo em sua vertente de manual clínico, o livro aborda esse tema, mas ao mesmo tempo, apresentando no detalhe a análise de Ernst com Freud, fornece elementos de resposta fundamentais para as seguintes questões: O que é uma análise? Qual, nela, a função e lugar do analista? O que é uma neurose obsessiva? Como lidar com ela em análise? Na pena de Romildo, Ernst Länzer sai da tela, apresenta-se vivo e entre nós, assim como Freud, o que materializa bem concretamente o surgimento da nova forma de esperança, na clínica, no modo como Ernst toma posição com relação àquilo que falta no saber e lida com o pai (e com o analista) a partir disso.

Para Ernst Länzer, Freud e o próprio dispositivo analítico funcionaram como garantia de que há um sentido escondido (p. 116), de modo a que ele pudesse ser materializado em sua subversão para com o sentido comum.

É o que demonstra de modo direto Romildo ao aproximar o pensamento que atormenta Ernst do silogismo aristotélico mais básico nele incluindo, porém, um "abismo" da seguinte forma: "Se eu casar com a dama... a meu pai ocorrerá algum infortúnio" (39). "O mérito de Freud foi perceber que nesse abismo [entre uma afirmação e outra] há uma afirmação escondida" - algo como "segundo meu desejo", o desejo de morte de Ernst, veiculado nas explosões de raiva que tivera contra seu pai no passado.

"O método criado por Freud teve por base inicial a introdução de um terceiro termo que torna possível a leitura do sintoma" em ruptura com o sentido normal. Normalmente as pessoas se entendem sem sentido oculto, o terceiro termo é "uma quebra com relação à alteridade (comum) e introdução de uma nova alteridade" (p. 100) - a alteridade dessa verdade oculta em nós mesmos, desconhecida de Deus ou do Pai, que Freud chamará inconsciente.

A neurose obsessiva é o nome dado ao movimento de encontrar a peça que falta para completar o quebra-cabeça exclusivamente para que tudo fique em seu lugar, imóvel. Basta que tudo se dê como uma cirurgia em que o vivo, aquilo que perturba a conclusão do quebra-cabeça por reconfigurá-lo a cada esquina, esteja como o corpo sob anestesia, em coma, fora de cena. Mas, Freud, por outro lado, propõe que se tome cada peça encontrada exatamente como aquela que reconfigura o quadro, descompleta-o, e que o torna, assim, sempre mutante, vivo.

Isso se demonstra não apenas no espaço, com uma frase oculta, mas também no tempo, pois a esperança de Ernst é igualmente um novo modo de viver o tempo e a introdução do terceiro termo a forma freudiana de lidar com essa esperança. Passamos, de Aristóteles à modernidade, de um tempo eterno das órbitas celestes em permanente rotação estática sobre si mesmas, a um tempo que corre, escapa, uma eternidade do infinito, sempre além. Contrapondo-se a essa nova forma de eternidade, a de um eterno escoar dos grãos da ampulheta, Freud, diz Romildo, introduz "um tempo que não existia: um passado que impõe, ou aponta, para o futuro, ou que contém o futuro" (p. 63). O tempo de Freud é o tempo em que um acontecimento singular e contingente trará nova leitura a uma existência, ganhará lugar no universal.

Não é o que ocorre quando a explosão de raiva de Ernst Freud o insere em uma nova possibilidade de existência, tornando impossível, dali por diante, sua identificação com o filho modelo? Nada mais será como antes, o que justifica que Romildo aproxime o tempo de Freud ao tempo do ato. É exatamente contra esse tempo que se estrutura o obsessivo. "A procrastinação é uma forma de inventar um futuro imune a contingência" (p. 57). Já a neurose "é, para Freud, sucedânea de um ato" (p. 56). Por isso, o ato compulsivo, será descrito por como uma caricatura - uma caricatura do ato, dirá Romildo com Lacan (p. 50).

Mas *Uma neurose de futuro* contém ainda uma reviravolta. O ensaio sobre essa enorme mutação do Outro que deu origem tanto à psicanálise quanto à neurose, não poderia se concluir sem interrogar-se sobre uma nova mutação, que parece estar em curso. De fato, a forma de esperança que deu origem tanto à neurose quanto à psicanálise parece estar se eclipsando em prol de outro modo de viver o saber e o gozo. Romildo nos mostra como a partir da compulsão podemos interrogar essa virada e sobre o lugar, nela, da psicanálise. Segundo ele, está havendo um declínio do conflito, ou melhor, "da própria ideia do conflito como princípio de explicação" (p. 99). Não há mais lugar para a vacilação e dúvida sobre como gozar, pois o gozo passou de proibido, gerando a ambiguidade de sua obtenção apenas na transgressão, a disponível. E, se o gozo é possível, ele deve ser atingido e, assim sendo, obrigatório. E aí do sujeito se ele não souber como. Neste sentido, em vez de dúvida e culpa vivemos uma exigência generalizada de gozo. "Uma nova forma de vergonha surge no horizonte de nossa época, que se refere, não ao que fizemos, mas sobretudo ao que deixamos de fazer" (p. 104). Ou ainda, citando Jacques-Alain Miller: "Estamos num ponto em que o discurso dominante determina que não se tenha mais vergonha de seu gozo (...) de seu desejo sim, mas não de seu gozo" (p. 102).

No lugar de um Outro que sabia a verdade, surgiu aquele a quem faltava saber. O de hoje lida com o real de outro modo. Continua faltando-lhe saber, mas ele preenche essa falta calculando incessantemente as probabilidades de acerto e de erro de cada escolha. O Outro de nossos dias não sabe *o que é*, mas calcula a todo instante *o que pode ser* - como por exemplo o risco de de um câncer de mama levando à decisão de cirurgia preventiva ou de uma doença degenerativa. Diante da onipresença do cálculo do risco, o tempo, que passara de eterno a infinito, de circular a fugitivo, agora é acelerado - não por prosseguir ao infinito, mas por se comprimir em um presente permanente. Se o tempo que escapa foi o de Freud e Lacan, como fazer análise hoje em que estamos no tempo da decisão e do resultado direto e imediato?

Nós estaríamos hoje como Leonard Shelby, o personagem do filme *Amnésia* comentado por Romildo na seção "A neurose obsessiva na era dos TOCs". Shelby a partir de um acontecimento traumático perde a memória, só retém cerca de dez minutos e se torna alguém "todo consciência" (para 112), "a predominância da consciência sobre a memória torna sua vida um eterno presente" e ele passa a ter "seu futuro limitado a um imperativo [de vingar o pretense assassinato de sua mulher] cumprir um mandado esse ou aquele" (p. 113).

Romildo preserva o lugar da psicanálise ao nos demonstrar como ela é a invenção de outro tempo, dentro do tempo que escapa ou do tempo que se achatou. Aquilo de que alguém se lembra, escreve ele a partir de uma definição de Kierkegaard, é uma "retomada para trás", enquanto que a lembrança em uma análise traz uma "retomada para frente" (p. 60). "A reminiscência (em análise) tem um fundo de futuro" (p. 61). Uma análise é a possibilidade de trazermos um passado que recria nosso caminho.

Que esse livro, o primeiro texto neste formato de alguém cujo estilo já enriquece a comunidade psicanalítica há vários anos através de seu ensino e de um sem número de artigos, inaugure uma série. Aposto que ela nos trará novidades sobre os desdobramentos atuais da neurose.

Esperando os próximos, deixo o futuro leitor com mais algumas evidências do talento de Romildo, agora como autor de fórmulas agudas:

O inconsciente freudiano é o inconsciente que somente existe enquanto trabalha (62); Para Freud a cultura somente existe se diz "não" a certo gozo (87); A culpa de alguma forma está (sempre) ligada a uma dívida que mantemos com a alteridade (97); De alguma forma e em algum momento todo mundo quer que alguma coisa [de ruim] aconteça com o pai, amando-o ou não (83); "A crise, quanto à igualdade, é devido a dificuldade em se situar a exceção a partir do qual a igualdade é possível" (p. 100). A neurose obsessiva é um sucedâneo privado da religião (69); Se a obediência do sujeito é levada longe demais, nos ensina Carlitos, torna-se algo comparável a um tique nervoso que a rigor, não tem sujeito (77); Os sentimentos humanos não são simples, mas pelo contrário, constituem sínteses instáveis (29); O bom parceiro do obsessivo, confiável e suficientemente estável, é aquele que sobreviveu a seu ódio (37); O Outro do obsessivo pode e deve existir, ele não pode é desejar (74); É uma ilusão, nada mais, achar que o acréscimo de sentido transforma o sujeito (45); A interpretação analítica acarreta tanto uma produção de sentido quanto seu rompimento ao situar seu limite (44); Um mito é um relato que representa um salto por cima de uma impossibilidade (88).



26,
Subjetivações contemporâneas

PUC



PSICOLOGIA CLÍNICA — 26.1, 2014
 PUBLICAÇÃO em Desenvolvimento em Psicanálise
 da Associação Latinoamericana de Psicanálise (ALP)
 Setembro de 2014 e de 2015 até 2014

EDITORA RESPONSÁVEL
 Daniel B. Portugal

EDITORA RESPONSÁVEL EM NOME DA ALP
 J. Lindiane Almeida

COMISSÃO EDITORIAL
 J. Lindiane Almeida
 Daniel B. Portugal
 Assessoria em Edição
 Carolina Gomes
 Aranyane Lima

COMISSÃO EDITORIAL
 Adriano Ribeiro, PUC-RJ, Porto Alegre, RS, Brasil
 João Mário Sérgio, PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Cláudio Alves Alves, UFPA, Porto Alegre, RS, Brasil
 Maria Antonietta, UFPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Agilmar Machado, Fapes, UFPA, Belo Horizonte, MG, Brasil
 Genivaldo Paves Lacer, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Julio Aguiar, UFPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 João Antônio Pires de Oliveira, Universidade de
 Brasília, Brasília, DF, Brasil
 Maria Carolina, PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Maria de Graça Albuquerque, UFPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Maria Goretti, Universidade Nacional de Tucumán,
 San Miguel de Tucumán, Tucumán, Argentina
 Nelson de Jesus, UFPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Paulo Roberto, Universidade de Porto F. - Vila Rica,
 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Rafael Gal, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Sílvia Maria de Jesus, UFPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
 Soraia Cristina, UFPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

INSTITUIÇÃO
 Associação Brasileira de Psicanálise
 Rua Lacerda, 40, São Paulo, SP, Brasil
 Telefone: (11) 3063-1000
 E-mail: abp@abp.org.br
 E-mail: contato@abp.org.br

Apoio



Vida acadêmica oferecida pelo Núcleo Central da PUC-RJ

PSICOLOGIA CLÍNICA, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
 Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, 26.1, 2014
 CEP: 22451-900

ISSN 1678-6663 (Impresso)
 ISSN 1984-5438 (Online)

Missão do Periódico
 Desenvolver trabalhos originais na área de Psicologia Clínica,
 contribuindo para a qualidade do ensino, da pesquisa, da produção de
 conhecimento e para a consolidação dessa campo no Brasil

Escopo Editorial
 A revista Psicologia Clínica é uma publicação científica de
 trabalhos originais que se insere em alguma das seguintes
 categorias: ensino de psicologia, ensino teórico, ensino
 clínico de psicanálise, ensino de pesquisas profissionais,
 ensino teórico e pesquisa na área de Psicologia Clínica

Publicação online nos sites em acesso

Seccionar:
 INDEX PUC: www.bep.puc.rj.br
 LAC/CLIC/CLIC: www.lac.puc.rj.br
 QJAL/CLIC: www.psicologia.puc.rj.br

Informações:
 CLIC: www.lac.puc.rj.br

DOI: www.doi.org.br
 Lattes: www.lattes.cnpq.br
 PUC-RJ: www.puc.rj.br

REPEC: www.repec.org
 REPEC: www.repec.org

Homepage: www.psicologia.puc.rj.br

Departamento de Psicologia
 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
 Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
 22451-900 - Rio de Janeiro - RJ
 Tel.: (011) 3137-2100
 Fax: (011) 3137-1107
 E-mail: psicologia@puc-rio.br

SUMÁRIO

EDITORIAL	9
SEÇÃO TEMÁTICA	
Subjetivações contemporâneas.....	15
UM CISNE, DUAS FORÇAS: SOBRE APOLÍNEO E DIONISÍACO NA ÉTICA DO CONSUMO	
<i>One swan, two forces: on apollonian and Dionysian in the ethic of consumption</i>	
<i>Un cisne, dos fuerzas: por apolíneo y dionisíaco en la ética del consumo</i>	
Daniel B. Portugal	17
Julia Salgado	
Marcos Beccari	
VIOLÊNCIA E FAMÍLIA: POSSIBILIDADES VINCULATIVAS E FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO	
<i>Violence and family: binding possibilities and forms of subjectivity</i>	
<i>La violencia y la familia: posibilidades de enlace y formas de subjetividad</i>	
Anamaria Silva Neves.....	33
Layla Raquel Silva Gomes	
Lorena Candeloni Vidal	
O MÉTODO PSICANALÍTICO APLICADO À PESQUISA SOCIAL: A ESTRUTURA MOEBIANA DA ALTERIDADE NA POSSESSÃO	
<i>The psychoanalytical method applied to social research: the moebian structure of alterity in possession</i>	
<i>El método psicoanalítico aplicado a la investigación social: la estructura moebiana de la alteridad en la posesión</i>	
Daniela Bueno de Oliveira Américo de Godoy.....	47
José Francisco Miguel Henriques Baitão	

AS TECNOLOGIAS TOU-CHAM O CORPO, COGNIÇÃO E SUBJETIVIDADE <i>Touch technology: body, cognition and subjectivity</i> <i>Tecnologías touch: el cuerpo, la cognición y la subjetividad</i>	69
Nise Maria Campos Pellanda	
Karla Rosane do Amaral Demoly	

RELAÇÕES FAMILIARES E MIGRAÇÃO: UM MODELO TEÓRICO-CLÍNICO EM PSICOLOGIA <i>Family relations and migration: a clinico-theoretical model in psychology</i> <i>Relaciones familiares y migración: un modelo teórico-clínico en psicología</i>	91
Ivy Daure	
Odile Reyverand-Coulon	
Sabine Forzan	

RESISTÊNCIAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE-RISCO NO PROJETO BRINCARTE DE VITÓRIA (ES) <i>Resistances and risk-subjectivity production at Brincarte Project in Vitória – ES</i> <i>Resistencias y producción de subjetividad de riesgo en el Proyecto Brincarte de Vitória/ES</i>	109
Jaciany de Souza Pereira Olinto	
Gilead Marchezi Tavares	

SEÇÃO LIVRE

ÁVALIAÇÃO DA MUDANÇA NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS ATRAVÉS DO CCRT. ESTUDO DE CASO PSICANALÍTICO <i>Assessment of change in interpersonal relationships through the CCRT. A case study of psychoanalysis</i> <i>Evaluación de los cambios en las relaciones interpersonales a través de la CCRT. Estudio de caso de psicoanálisis</i>	135
Ana Isabel Manta Salgado	
Antônio Augusto Pazo Pites	

SOBRE A SUPERVISÃO EM PSICANÁLISE: RELENDO FREUD A PARTIR DE LACAN <i>On supervision in psychoanalysis: rereading Freud from Lacan</i> <i>Acerca de la supervisión en el psicoanálisis: una relectura de Freud desde Lacan</i>	151
Maria Cristina Poli	
Venicius Scott Schneider	

BUSCA POR REPRESENTAÇÃO: A PSICANÁLISE E O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO <i>Searching for representation: Psychoanalysis and the construction process</i> <i>Búsqueda por representación psíquica: Psicoanálisis y el trabajo de construcción</i>	165
Simone Bianchi Sanches	

ÁVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO EXPERIENCIAL DE PACIENTES COM PRÓTESE OCULAR: A FOCALIZAÇÃO NO ATENDIMENTO CLÍNICO <i>Experiential development assessment of patients with prosthetic eye: focusing technique on psychotherapy</i> <i>Evaluación del desarrollo experiencial de los pacientes con prótesis ocular: la focalización en la atención clínica</i>	181
Marília Souza da Silveira	
Cristiano Mauro Assis Gomes	

O SUICÍDIO COMO QUESTÃO: MELANCOLIA E PASSAGEM AO ATO <i>Suicide as a question: melancholy and passage to the act</i> <i>El suicidio como cuestión: melancolía e pasaje a lo acto</i>	197
Marcus Vinicius Brunhart	
Vinicius Anclás Darriba	

O PAI EM PSICANÁLISE: INTERROGAÇÕES ACERCA DAS INSTÂNCIAS REAL, SIMBÓLICA E IMAGINÁRIA DA FUNÇÃO PATERNA <i>The father in psychoanalysis: interrogations about real, symbolic and imaginary instances of the paternal function</i> <i>El padre en psicoanálisis: interrogaciones respecto a las instancias real, simbólica e imaginaria de la función paterna</i>	215
Mariana Kraemer Betts	
Amadeu de Oliveira Weimann	
Analice de Lima Palombini	

RESENHA

INVENTANDO UM TEMPO <i>Creating a time</i> <i>Inventar un tiempo</i>	237
Matheus André Vieira	